

## IMPERADOR DA ILHA: A PRÁTICA FOLKCOMUNICACIONAL NO BUMBA MEU BOI DO PIAUÍ<sup>1</sup>

Elaine LIMA<sup>2</sup>

Susana SILVA<sup>3</sup>

Cláudio VASCONCELOS<sup>4</sup>

Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI

### RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre o grupo folclórico piauiense de bumba meu boi Imperador da Ilha analisado sob a perspectiva folkcomunicação. O Imperador da Ilha surgiu no bairro Piçarra de Teresina-PI, em 1934. Com 78 anos de atividades ininterruptas, se apresenta como um dos mais tradicionais do Estado e maiores divulgadores do folclore. Pretende-se aqui entender como ocorrem essas manifestações culturais no Piauí, e como se efetiva o processo de comunicação *folk* dentro da comunidade que o grupo agrega.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura, Bumba meu boi, Folkcomunicação, Piauí.

### INTRODUÇÃO

As festas de bumba meu boi ocorrem em todo Brasil, no entanto elas adquirem características diferentes de acordo com a região. Um exemplo seria o nome pelo qual são conhecidas: no Piauí, Maranhão e Alagoas a festa é chamada de bumba meu boi; no Pará e Amazonas de boi-bumbá ou pavulagem; em Pernambuco é boi-calemba ou Bumba, no Ceará é denominada de boi de reis.

Tais festas giram em torno de rituais que se constituem de pessoas cantando e dançando a morte e ressurreição do boi. Alguns estudiosos acreditam que a origem da festa, também nomeada de brincadeira, de exaltação do boi se deu por considerá-lo um animal sagrado.

O boi o animal totêmico por excelência entre alguns povos primitivos, principalmente entre os bantus, era para os egípcios o animal sagrado ligado a memória do pai. A palavra Ápis, com que era designado o boi sagrado dos egípcios, vem de ap, ápis, alto, elevado, e nas línguas orientais quer dizer pai, chefe, mestre. Os Bambara chamavam a um animal determinado “meu pai” (baba), como, aliás, entre outras tribos africanas, e assim por diante. (Costa apud Silva, 1988, p.93)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior/ DT6- Interfaces Comunicacionais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Fortaleza, CE - 3 a 7/9/2012.

<sup>2</sup> Graduanda do 10º bloco do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e Relações Públicas – da UESPI – Universidade

Estadual do Piauí (campus de Teresina – PI). E-mail: [elainedemouralima@gmail.com](mailto:elainedemouralima@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do 10º bloco do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e Relações Públicas – da UESPI – Universidade

Estadual do Piauí (campus de Teresina – PI). E-mail: [susana.oliveira@limao.com.br](mailto:susana.oliveira@limao.com.br)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor Mestre do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Piauí, UESPI. Email: [jcsvasconcelos@yahoo.com.br](mailto:jcsvasconcelos@yahoo.com.br)

A festa do boi, como comumente é conhecida entre os piauienses, é composta por um conjunto de gestos e formalidades que mantêm um elevado valor simbólico para aqueles que fazem parte do ritual. E como tal, é responsável pela interação entre os membros participantes. Como conceitua Peirano (2003, p.07):

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é construído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidades (convencionalidade), estereotípiia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição).

É fato que a festa do boi faz parte do folclore brasileiro, pois é um evento tipicamente reconhecido como cultura popular, ou seja, a cultura feita pelo povo. Como afirma Chauí (1996, p.25), a cultura popular se apresenta como uma forma de resistência à cultura dominante, possuidora de uma lógica própria “de práticas, representações e formas de consciência” que a diferencia.

Em relação à cultura, o que se pode subentender é que se trata de um termo com várias concepções em diferentes níveis de profundidade e especificidade, se referindo a práticas sociais que seguem um padrão determinado no espaço e no tempo. Crenças, comportamentos, valores, instituições e regras são elementos que englobam o significado de cultura, servindo assim para a formação de um sentido de identidade própria de um grupo humano em um território e determinado período.

Considerando, em primeiro lugar, o conceito amplo ou antropológico, cultura é o modo como indivíduos ou comunidades respondem às suas próprias necessidades e desejos simbólicos. Para Ortiz (1992, p.61), a ideia de cultura popular nasceu na Europa, no início do século XIX, quando, dentro do movimento romântico, ocorreu a separação entre cultura de elite e cultura popular.

Este trabalho visa compreender o bumba meu boi enquanto manifestação folkcomunicação. Para isso, escolheu-se como objeto de estudo o grupo folclórico de bumba meu boi Imperador da Ilha, por sua tradição e trabalho incansável na manutenção e preservação de suas práticas.

Dessa forma, se infere que o bumba meu boi é feito de modo a manter uma tradição de um grupo, e se constitui como uma forma de resistência popular à cultura que é imposta pelos meios de comunicação de massa e pelas classes dominantes. Esses grupos são

compostos por indivíduos marginalizados culturalmente, que fazem uso de suas práticas folclóricas como um meio de comunicação.

Esta pesquisa é qualitativa, pois buscou-se um maior contato dos pesquisadores com o objeto de estudo, tentando entendê-lo em sua totalidade. Para a construção do estudo utilizou-se de pesquisa bibliográfica em literaturas que versam sobre cultura popular, folclore, bumba meu boi e folkcomunicação, além de uma varredura virtual sobre o tema.

Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas para obtenção de maiores informações sobre o fenômeno estudado. A entrevista caracteriza-se por ser uma pseudoconversa que acontece entre o entrevistador e o entrevistado. Duarte (2008, p.64) classifica as entrevistas em três diferentes tipologias: abertas, semi-abertas e fechadas; que se originam, respectivamente, de questões não estruturadas, semi-estruturadas e estruturadas.

A pesquisa estabeleceu-se com questões semi-estruturadas, através do uso da entrevista semi-aberta, pois esse modelo privilegia o uso de um roteiro com questões-guia, ou seja, questionamentos provindos da problemática da pesquisa, que aborda de forma ampla o tema analisado.

Conclui-se que o bumba meu boi é um eficiente meio de comunicação para a comunidade em que está inserido, onde tal característica propicia a manutenção e sobrevivência de sua cultura e tradições.

## 1 CULTURA POPULAR E FOLCLORE

O conceito de cultura popular é muito relativo e “está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela Antropologia Social” (Arantes, 2007, p.07). No entanto, há um consenso entre alguns estudiosos em afirmar que se trata da cultura criada pelo povo em oposição à cultura erudita.

Antonio Gramsci formula a questão em termos de estruturas ideológicas da sociedade: ao lado da chamada cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, existe a cultura criada *pelo povo*, que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais. Há nesta última, é verdade, estratos fossilizados, conservadores, e até mesmo retrógrado, que refletem condições de vida passadas, mas também há formas criadoras, progressistas, que contradizem a moral dos estratos dirigentes. (Bosi, 1986, p.63-64)

A cultura das classes ditas pobres está ligada à sobrevivência das mesmas. Essa cultura marca seus participantes dentro de um lugar social, corroborando para formação de

sua identidade. Como afirma Sans (2009, p.17), “nesse parâmetro são incluídas as crenças, as lendas, as músicas, a culinária, enfim todo o costume e conhecimento que geralmente são transmitidos de geração a geração.”

A cultura popular é considerada pela cultura dominante como reduto de indivíduos chamados de sem educação. Porém, Bosi (1986, p. 65) diz ser a cultura popular uma “educação informal” em que indivíduos a consideram um símbolo de identidade cultural. Vendo-se marginalizados, estes grupos criam sua própria cultura e a fortificam dentro da comunidade, caracterizando-se como uma população ativa, já que criam suas próprias ferramentas de comunicação e propagação de costumes.

Os termos cultura popular e folclore estão intimamente inter-relacionados. Etimologicamente, o termo folclore significa o saber do povo, e tal conhecimento está presente nas crenças, costumes e festas. Os elementos abstratos que compõem o folclore podem resistir ao tempo, como afirma Edelweiss (2001, p.20): “O Folclore, o saber popular, são, em resumo, as manifestações variadas da alma popular através das idéias e dos sentimentos coletivos, feitos e refeitos através dos tempos.”

Os elementos simbólicos contidos no folclore perduram através das culturas de todos os tempos. Por esse motivo, cabe aqui afirmar que o folclore contém a essência da formação dos povos. E nos grupos marginalizados a exaltação das origens através do folclore é ainda mais evidente, pois estes não a negam, e sim a reafirmam através da persistência em manter viva suas tradições, tal como acontece como a brincadeira do bumba meu boi.

O “tempo” é um fator primordial para a consolidação do “folclore”. Para Cascudo é o patamar mais sedimentar da cultura popular, registrado de modo anônimo, mais antigo, persistente e difundido, que se enriquece constantemente com o passar do tempo. É transmitido pela experiência e pela memória, com significados específicos, pertence a uma temporalidade situada que não é a do tempo histórico ou biográfico. (Sans, 2009, p.17)

A festa do bumba meu boi faz parte do folclore brasileiro, pois é uma celebração que percorre gerações e revela características da cultura popular. Segundo Araújo (1973, p.57) o bumba meu boi é um “bailado popular”, que acontece em várias regiões do Brasil, assumindo em cada uma delas características diferenciadoras, e evocando alguns aspectos das antigas civilizações, das lendas e folclore.

Porém, percebe-se que atualmente as culturas dominantes fazem uma apropriação indevida do que seja a festa do boi, tratando-a como um produto a seu serviço. Um exemplo é que no Piauí os grupos de boi só ganham um considerado destaque midiático durante as

festa juninas, quando é interessante aos meios de comunicação de massa a exaltação do popular. O relato de José Ribamar da Silva Neto (2012), 58 anos, presidente do grupo Imperador da Ilha, revela a indignação dos brincantes com essas ressignificações do folclore:

[...] pra você ver uma coisa, o setor de televisão é aqui, quando eles querem informação eles chegam, mas nenhum tem coragem de vir gravar a morte do boi. Mas quando é o programa deles lá, pra fazer o programa junino, eles querem que a gente vá. E é em horário inconveniente, horário de trabalho, ‘rapaz, mande pelo menos dois’, aquela coisa toda. Nós não temos nada, o que a gente vai ganhar com isso? Nada.

O bumba meu boi, um ritual folclórico, assume, para esses indivíduos pertencentes a grupos marginalizados, uma forte significação. Mesmo com os avanços tecnológicos, a globalização e o preconceito permanecem resistentes.

## 2 IMPERADOR DA ILHA: DESDE 1934, O BOI SEMPRE RENASCE

Na literatura existente não há dados científicos que comprovem que o folclore do bumba meu boi se originou no nordeste brasileiro. No entanto, Costa (1974, p.94) afirma que a lenda do bumba meu boi tenha surgido em território piauiense, mais precisamente no período em que se deu a colonização de suas terras. O maior indício seria a cantiga popular: “O meu boi morreu /Que será de mim/Manda buscar outro, oh manhinha/ Lá no Piauí”.

No século XVIII, ocorreu a colonização do Piauí. Inicialmente, a Coroa Portuguesa pretendia utilizar as terras piauienses como rota para desbravar o sertão adentro, como também a exploração de cana-de-açúcar e metais preciosos. Chegando aqui, não foram encontradas condições adequadas à lavoura de cana de açúcar e percebeu-se que o território era propício para a criação de gado. Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense foram os primeiros bandeirantes a explorar terras piauienses, aprisionando índios e construindo currais, pois a pecuária foi considerada a nova “mola propulsora” da economia nordestina na época.

Não foram, porém, as catas, nem o fastígio de metais e pedras preciosas que trouxeram os povoadores, e sim o desejo de criar fazendas, organizar lavouras e viver nas lides do campo, especialmente da *vaqueirice*. [...] O Piauí agrícola e rural, do pastoreio e da pecuária, tornou-se conhecido como a terra do boi, cuja a atividade era seguida por fazendeiros e vaqueiros, as duas classes em que se dividia a população [...]. (Franco, 1983, p.23)

A tradição do bumba meu boi brasileiro tem suas raízes no período colonial, pois envolve costumes culturais da época. Os personagens que compõem o ritual são advindos desse período, como o vaqueiro, o senhor das terras, o negro, o índio. A história, contada e recontada de diferentes modos, envolve elementos que vão desde a sátira, comédia, drama e tragédia.

Conta a lenda que existia um rico fazendeiro e em suas terras trabalhava Negro Chico, vaqueiro, casado com Catirina, que grávida desejou fortemente comer a língua do boi mais querido do dono da fazenda. Negro Chico rouba o boi para atender o desejo da mulher. O fazendeiro convoca os outros vaqueiros e os índios para a captura do boi e do Negro Chico. A situação termina em festa quando Negro Chico é achado e explica o motivo do roubo e o boi, que estava morto e é ressuscitado.

É a encenação desse ato que sustenta a formação de vários grupos folclóricos de bumba meu boi. Segundo Silva (1988, p.95), os figurantes, que geralmente compõem a peça são: o Amo, dono do boi; o Boi, composto por uma armação de madeira com adereços e o miolo, indivíduo que fica embaixo da armação; Pai Chico ou Negro Chico, vaqueiro que rouba o boi, Catirina, mulher de Negro Chico; os caboclos reais e caboclos guerreiros, que dançam e tocam os instrumentos.

Como relatado anteriormente, as apresentações adquirem variações de região para região e de grupo para grupo. Dom Riba, nome artístico de José Ribamar que começou a participar de grupos de bumba meu boi aos 12 anos, conta a história que conhece:

Diz que tinha um fazendeiro muito rico e ele empregou o Nêgo Chico e a Catirina, aí a Catirina tava grávida, aquele problema todo... O Nêgo Chico aperreado porque o patrão não pagava ele. Então a Catirina desejou comer o 'figu' do boi, e o Nêgo Chico deu um tiro no Boi. Depois o 'capuchim' que é o comandante da fazenda soube e mandou os cabocos atrás do Nêgo Chico pra contar a história de como ele matou o boi. Só que o boi não morre em si, o dono da fazenda chama o 'dotô', o 'dotô' consulta o boi e ele ressuscita. (José Ribamar, 2012)

Em Teresina, o surgimento desses grupos folclóricos data da década de 1930, quando foi fundado o grupo de bumba meu boi Terror da Floresta, que foi rebatizado posteriormente de Riso da Mocidade. O grupo, que se originou no bairro Matadouro em Teresina-PI, foi montado por três irmãos maranhenses: Passarinho, Anísio e Bernardinho. Mais tarde a sede do grupo é transferida para a cidade vizinha de Teresina, Timon-MA.

Para este estudo tomaremos como base de análise o grupo Imperador da Ilha, um dos mais tradicionais e antigos da cidade. Fundado em 1934, inicialmente no bairro Piçarra, mantém atualmente sua sede no bairro Cidade Nova. O grupo é composto de 79 brincantes e define-se como tradicional, por isso procura manter todas as partes desse ritual.

Os instrumentos que dão sonoridade às toadas do Imperador da Ilha são o pandeiros de couro de bode, a tambor-onça e a chiadeira (maracás). O grupo, fiel à tradição, utiliza instrumentos que são confeccionados por eles mesmos não acrescentando novos tipos de sonoridade como outros grupos. O ritual acontece durante o ano inteiro, com confecção dos trajes, preparação de toadas, feitura do boi e os ensaios que começam em maio até o grande dia da morte e ressurreição do boi que é realizada no último domingo de agosto.



Figura1: Apresentação do grupo Imperador da Ilha. Foto: Susana de Oliveira.

Os grupos folclóricos de bumba meu boi são compostos por diversos brincantes pertencentes à comunidade. Toda a preparação da festa envolve técnicas e conhecimentos que são repassados de geração para geração, como por exemplo, a confecção envolvendo indumentárias, instrumentos e as toadas (como são chamadas as letras das cantigas dos grupos de boi) que são transmitidas para os membros novos dos grupos. Prova da tentativa de manter ativa a cultura do boi é a criação de um grupo formado apenas por crianças da comunidade, são 32 meninas e meninas brincando no Imperador da Ilha Mirim.

Para custear e manter o grupo são realizados bingos, churrascos entre outros eventos para arrecadar dinheiro, pois apenas o incentivo financeiro do governo não é suficiente. As instituições Fundação Cultural do Piauí- FUNDAC e Fundação Cultural Monsenhor Chaves- FCMC contribuem esporadicamente com os grupos em apresentações e viagens, porém José Ribamar (2012) ressalta que essa ajuda é falha:

[...] agora mesmo era pra gente ter ido pra Recife. Pra você ver a indelicadeza desses gestores: nós fomos convidados exclusivos pela prefeitura pra um concurso de boi. Aqui eles iam participar só com ônibus pra gente ir. A gente correu atrás na prefeitura, correu no Estado e ninguém deu esse ônibus. Era só isso, e realmente foi uma tristeza grande. O pessoal se preparando, ensaiando, foi agora em abril. Falamos até com o vice-governador, ficaram jogando de um lado pro outro e a gente não foi.



Figura2: Integrantes do Imperador da Ilha Mirim. Foto: Susana de Oliveira.

Apesar das dificuldades financeiras encontradas, o grupo resiste e faz anualmente certa de 20 apresentações e é detentor de 17 títulos de campeonatos, sendo dois deles nacionais. No mês junino, em Teresina, a participação do grupo é garantida no Festival de Toadas de Boi do Piauí e no Encontro Nacional de Folguedos realizados pela FUNDAC e também no Encontro de Bois de Teresina promovido pela FCMC, dois únicos momentos em que os grupos de bois são evidenciados.

José Ribamar (2012) sonha que o boi continue renascendo: “O nosso prazer era que a gente crescesse, divulgasse o Estado nessa parte cultural. A nossa intenção era de dar aula nos colégios, assim como a capoeira, o teatro, mas a gente não tem esse espaço.”

### **3 BUMBA MEU BOI, UMA PRÁTICA FOLKCOMUNICACIONAL**

Neste artigo se estabelece a íntima relação da brincadeira do boi com a teoria comunicacional conhecida como Folkcomunicação. Com a midiaticização da cultura, práticas culturais ricas que antes ficavam fechadas às suas cercanias territoriais puderam ser vistas e estudadas. A partir dessa redescoberta não faltaram autores que se esforçassem para entender qual a importância destas no contexto comunicacional de suas comunidades. Tal como Luiz Beltrão, que iniciou os estudos através de sua tese de doutorado, *Folkcomunicação – um estudo dos Agentes e dos Meios Populares de Informação de Fatos e Expressão de Idéias*, em 1967, lançando o novo conceito.



A essa comunicação feita pelos povos marginalizados deu-se o nome de Folkcomunicação, que segundo Beltrão (2001, p. 79), “é o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore.”

O conceito levantado é originado da teoria do pesquisador Paul Felix Lazarsfeld sobre líderes de opinião. Através de pesquisas sobre opinião pública, Lazarsfeld identificou a presença de indivíduos que possuíam um maior contato com os meios de comunicação de massa e que influenciavam na comunicação de suas comunidades. A partir desse gancho, a folkcomunicação aponta a existência de um indivíduo que media as informações dos meios de comunicação, por um canal *folk* até os participantes de sua comunidade, adaptando essas mensagens a uma linguagem reconhecida por todos. Esse líder foi chamado de líder *folk*.

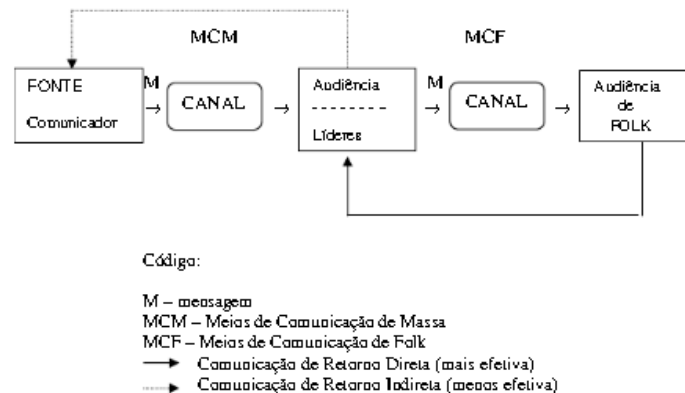


Figura 3: Diagrama do processo folkcomunacional. Fonte: Beltrão (1980).

Essa tradução é importante para que as massas populares isoladas não recebam de forma alienante as mensagens. Visto isso, neste trabalho se observou o grupo Imperador da Ilha como um catalisador e posterior tradutor do que ocorre no contexto social e seu valor para os praticantes, exprimindo suas ideias sobre os fatos com rituais de rimas e batidas. Isso se justifica e pode ser comprovado nos temas das toadas, assim como na caracterização das fantasias e adereços dos personagens.

[...] esse ano a gente ia colocar a fantasia pra homenagear o Luis Gonzaga. Ia fazer uma fantasia, um chapéu igual ao dele. Então não sei se vai ser possível, já tinha preparado a toada pra ele. Ia fazer o desenho de uma sanfona na fantasia. (José Ribamar, 2012)

**Animar a Festa**

Letra de Raimundo Araújo

*Sou filho do Piauí*

*Vamos enfrentar o Maranhão*

*Teresina teu folclore é tão lindo*

*Animar a tua festa nas noites São João*

*O teu povo se anima com confetes e  
balão*

*Vamos cantar ao lado do meu batalhão*

*Animar a tua festa e dar um viva a São  
Pedro e São João.*

**Teresina Verde**

Letra de José de Ribamar

*Teresina Verde orgulho do meu Brasil*

*A tua cultura é a nossa beleza*

*No mês de maio nós temos o Chapadão*

*No Encontro dos Rios tem o cabeça de  
cuia*

*Na Potycabada, com emoção, o  
Imperador nos Folguedos de São João.*

Figura 4: Letras da todas do grupo folclórico Imperador da Ilha.

Este ano, há possibilidades do grupo não se apresentar no mês junino, deixando de levar ao público esse reflexo da contemporaneidade. Tal fato se deve ao estado delicado de saúde do integrante mais antigo do grupo, Mestre Raimundo Araújo, 86 anos. Em 2001, o Mestre passou o comando do boi para seu filho mais velho.

A passagem de notícias acontece em meio ao ritmo dos tambores e discorre sobre sua vivência e lutas sociais diárias, além de ser um indício do que é amplamente divulgado nos meios massivos.

O grupo da gente faz tudo, a gente faz crítica, faz elogio. Às vezes a gente quer fazer uma brincadeira com outro Boi e faz uma palavra de chacota, sem ofender moralmente. O boi é isso aí, é essa diversão todinha. Faz elogio também a alguns santos, a gente vai pesquisando. (José Ribamar, 2012)

A brincadeira nordestina do bumba meu boi se mostra como uma tentativa dos povos de preservar sua cultura marginalizada, mas há também a proposta de, com essa manifestação, integrar os seus iguais à esse panorama global, fazendo com que tais informações chegue ao seu território de forma construtiva.

Personagens e seqüências do bumba-meu-boi encaram pessoas e refletem episódios da vida real, que o público conhece ou que é capaz de perceber na roupagem da fantasia e caricatural apresentada. [...] o bumba-meu-boi continua a exercer a sua função de crítica, de sátira, a sua função de veículo jornalístico-popular. (Beltrão, 2001, p. 239-240)

O termo veículo jornalístico-popular supracitado é rico para o entendimento da importância de uma prática tal como o bumba meu boi para seu grupo expoente, uma vez que o retira da condição de expectador inerte e o coloca em uma posição de produtor de suas próprias formas de comunicação.

De acordo com Beltrão (2001, p 231-232), o bumba meu boi desde sua origem teve a intenção de fazer uma crítica social, pois sua origem data de um período de grandes lutas sócias. Caracterizando-se uma sátira ao patriarcalismo escravagista da época. Assim, pode-se afirmar que os personagens que compõem a dança e as toadas refletem momentos da vida real. E o auto popular do bumba meu boi configura-se como o próprio veículo de comunicação.

A folkcomunicação se efetiva como um processo de comunicação coletiva, onde se faz necessária a existência de dois meios, o líder emissor e o público receptor. Dessa forma, o bumba meu boi é uma manifestação folclórica que permanece viva através da figura de um líder de opinião, que compartilha sua memória com seus iguais. Esse líder é o sujeito chamado mestre, que geralmente é alguém que participou da fundação ou o mais antigo no grupo. A sua figura de líder da comunidade o coloca como o responsável pela manutenção e preservação das raízes de sua cultura.

Os estudos folkcomunicacionais estabelecem um viés entre o folclore e a comunicação massiva. Essa relação se dá quando os líderes de tais manifestações utilizam ferramentas populares para divulgação do que foi anteriormente mencionado pelos *mass media* (TV, jornais impressos, internet e rádio).

O objeto de pesquisa dessa nova disciplina encontra-se na fronteira entre **Folclore** (resgate e interpretação da cultura popular) e a **Comunicação da Massa** (difusão industrial de símbolos, através de meios mecânicos ou eletrônicos, destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas). Se o **Folclore** compreende *formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas*, a **Folkcomunicação** caracteriza-se pela utilização de *mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem popular as mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural.*” (Melo, 2007, p.21; grifos do autor)

Os grupos de bumba meu boi também se apropriam das tecnologias da comunicação de massa a seu favor, utilizam tais canais como uma forma de dar visibilidade a sua cultura. Assim, percebeu-se que o grupo Imperador da Ilha, ao participar de festivais e apresentações em meios de comunicação divulga sua cultura e dá voz a seus anseios de sobrevivência.

## CONSIDERAÇÕES

A cultura feita pelo povo é de rico interesse, pois gera muitos debates contribuindo para o entendimento da formação histórica e social das civilizações. Dentro da cultura popular encontra-se o folclore, saber popular, que é a representação das origens de um povo, seus costumes, crenças e festividades e etc.

Marginalizados, a cultura popular e o folclore precisam encontrar meios de manter sua tradição dentro da conjuntura global, onde as culturas massivas e elitizadas as sobrepõem.

Nesse contexto a folkcomunicação é primordial para entender de como se dá essa relação, pois tal conceito prescreve que dentro de grupos marginalizados existem sujeitos que traduzem as mensagens para uma linguagem adequada aos seus iguais através de um canal acessível.

O bumba meu boi é para seu grupo um efetivo meio de comunicação *folk*. Percebeu-se que esse tipo de comunicação acontece dentro do grupo folclórico Imperador da Ilha, onde os sujeitos se personificam nos integrantes mais antigos dos grupos, e o canal é o próprio ritual envolvendo a preparação, ensaios e danças e toadas.

A festa do bumba meu boi no Piauí é de forte valor simbólico e está longe de ter um fim, pois aqueles que nela acreditam, persistem “na força e na raça” como declarou Dom Riba, provando que a comunidade está unida na preservação de suas tradições.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 2007, 36p.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura Popular brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1973,198p.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2001,266p.

BOSI, Ecléia. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1986, 192p.

- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996, 179p.
- COSTA, F. A. Pereira da. *Folk-lore Pernambucano*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974, 634p.
- DUARTE, Jorge. *Entrevista em profundidade*\_\_In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed.-2 reimpr. Editora Atalas:São Paulo, 2008, p. 62-83.
- EDELWEISS, Frederico. *Apontamentos de Folclore*. Salvador: EDUFBA, 2001, 112p.
- FRANCO, José Patrício. *Capítulos da história do Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras. 1893, 93p.
- MELO, José Marques de. *Folkcomunicação*\_\_In GADINI, Sergio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. *Noções Básicas de Folkcomunicação: Uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007,120p.
- NETO, José Ribamar da Silva. Entrevista concedida à Elaine de Moura e Susana Oliveira na Sede do Grupo folclórico Imperador da Ilha, no dia 29 de março de 2012.
- ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho D'Água, 1992, 172p.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, 425p.
- SANS, Paulo Cheida. *Aspectos da arte e cultura popular em Campinas*. Campinas: PUC-campinas, 2009, 80p.
- SILVA, Pedro. *O Piauí no Folclore*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988, 133p.

